

TERAPIA OCUPACIONAL E ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO: CONTRIBUIÇÕES PARA A ABORDAGEM DOS MODOS DE EXISTÊNCIA DOS AUTISTAS

Eixo temático: A Técnica do AT em seus diversos campos de atuação.

Palavras Chaves: Terapia Ocupacional, Acompanhamento Terapêutico, Autismo, normal e patológico.

O horário agendado para iniciar não era o horário de início. A família de Vinícius se desorganizava com frequência para a chegada à USP, a acompanhante terapêutica (at) telefonava meia hora antes para lembrá-los do compromisso. Vinícius chegava de carro acompanhado por seu pai e sua mãe. Costumava vir deitado no banco traseiro, de olhos fechados, sem tênis. Negava-se a descer do carro, e após algumas negociações e proposições de atividades ele dava sinais de que acompanharia a terapeuta, porém, entre a aceitação de Vinícius e a chegada à sala de atendimento, diferentes sinais emergiam, ele hesitava entre admitir e recusar o espaço e o tempo da proposta. Esses múltiplos sinais, por vezes contraditórios, demonstravam um dos trabalhos do seu AT: conversar de diferentes maneiras e repetidas vezes quais seriam os passos a serem dados durante o atendimento. A at orientava quanto aos lugares em que passeavam, lembrava de pessoas conhecidas que trabalhavam pelo espaço, retomava atividades prazerosas já realizadas e resgatava seus registros das experiências vinculares dos dois, ao longo dos encontros. Na sala, a terapeuta dedicava alguns instantes para que Vinícius se localizasse, e aos poucos, inseria questionamentos quanto às suas atividades cotidianas. Diálogos iam sendo

configurados e tornando-se mais consistentes, podendo adentrar regiões que expressavam sua visão de ocorrências da sua semana, seus sentimentos e posicionamentos frente a essas vivências. As atividades preparadas eram apresentadas para Vinícius e a partir de suas escolhas eram elencadas na ordem em que ocorreriam.

O lanche era uma atividade sempre presente, preparado junto em alguns atendimentos, e em outros, comprado em lanchonetes próximas ao prédio. A saída para comprar o lanche, por vezes, tornava-se a atividade principal do AT. Andar pelas ruas, escolher os locais de compra, negociar na definição dos produtos, lidar com as interferências e oferecer contorno adequado eram atividades que compunham o trabalho.

Falar de comida era um dos assuntos favoritos de Vinícius, e em alguns atendimentos foram feitas experiências de alguns de seus pratos preferidos. Também gostava de sair para andar, geralmente pelos espaços próximos ao prédio e a sua casa. Durante essas caminhadas era comum ressaltar algumas características físicas das pessoas. A partir de seus trejeitos a at calculava as distâncias que percorriam e supunha o quanto o percurso de volta seria tolerado por ele. Era comum ele procurar bancos para sentar e muitas vezes deitar, e durante esses períodos de pausa conversavam sobre o espaço em que estavam e sobre as possibilidades de ações nele.

Frequentemente, a at combinava com os pais de Vinícius se eles viriam buscá-lo ou se ela o levaria até sua casa, que é próxima à USP. Quando os pais vinham buscá-lo, ela encontrava um lugar e mediava o período de espera, em sua maioria, longo. Por vezes, acompanhava Vinícius até sua casa, e antes de partirem conversavam sobre o trajeto a fim de prepará-lo para percorrê-lo em toda sua extensão, estabeleciam acordos e prosseguiam.

Fragmentos de um Acompanhamento Terapêutico realizado no âmbito da Terapia Ocupacional, essa narrativa decorre de uma experiência de formação no Laboratório de Estudos e Pesquisa Arte, Corpo e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), a partir do Projeto Aprender com Cultura e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP, que disparou o interesse para a realização de uma pesquisa, em torno dos acontecimentos emergentes da clínica que perpassa o Acompanhamento Terapêutico, a Terapia Ocupacional e os modos de existência dos autistas.

As relações da Terapia Ocupacional (TO) com o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico (AT) advêm de enlaces conceituais e práticos com os movimentos críticos aos processos de institucionalização e a instauração de novas estratégias, sobretudo no campo da saúde mental; e com os deslocamentos históricos da psicopatologia e seus efeitos no âmbito das condutas terapêuticas e sociais.

Consideramos que os movimentos e as abordagens voltadas às populações em situação de vulnerabilidade social, em função de deficiências, transtornos mentais e/ou fragilização sócio-econômica, deparam-se com fronteiras que estabelecem distâncias rígidas entre a sociedade e qualquer elemento estranho a sua organização pautada por parâmetros de normalidade. Com isso, a transitoriedade dos discursos nesse campo dialoga com questões culturais, políticas e sociais, resultando na construção de relações de exclusão e cristalização de espaços, identidades e atuações. Nessa dinâmica, propõem-se políticas de inclusão social que, em sua maioria, adéquam as estranhezas à norma e aos limites do que é considerado civilizado, logo, essas populações são inscritas em dinâmicas de homogeneização social (PELBART, 1993, p.104), tema de embate constante nas abordagens da Terapia Ocupacional.

No curso “Os Anormais”, Michel Foucault, acompanha o desenvolvimento daquilo que ele considera que “não assinala apenas uma fase de incerteza ou um episódio um tanto infeliz na história da psicopatologia”, mas a constituição de uma noção que ele assinala ser “formada em correlação com todo um conjunto de instituições de controle, toda uma série de mecanismos de vigilância e de distribuição”, que no momento em que se encontra “quase inteiramente coberta pela categoria da “degeneração”, dará lugar a elaborações teóricas ridículas, mas com efeitos duradouramente reais” (FOUCAULT, 2001, p.413).

Dessa noção de anormalidade desdobram-se séries diagnósticas no campo da clínica, de onde devém a terminologia “autismo”. Considerando que se trata de um delineamento histórico, alguns autores indicam que esse conceito é uma invenção e não “uma descoberta científica, passível de comprovação, palpável, que existe independente dos sistemas de crenças e da cultura” (CAVALCANTI; ROCHA, 2001, p.96). A exemplo disso, Winnicott, em conferência, afirma que “a invenção do termo autismo foi uma benção duvidosa” cujas vantagens estão bastante óbvias, mas as desvantagens são menos óbvias. E prossegue dizendo que “depois de este termo ter sido inventado e aplicado, estava montado o cenário para uma coisa um tanto falsa, isto é, a descoberta de uma doença” (1997, p.179-180).

De modo mais radical, Fernand Deligny, educador que conviveu durante décadas com autistas em instituições asilares, preconizava o exercício da rede, como contraponto aos sistemas adaptativos e aos treinamentos para inscrevê-los como sujeitos na linguagem que supostamente lhes falta. Deligny afirmava que “respeitar o ser autista não é respeitar o ser que ele seria enquanto outro; é fazer o que é preciso para que a rede se trame” (DELIGNY apud PELBART, 2013, p.263), para que ocorra a criação de um território comum em que o autista e o não-autista possam encontrar um modo de existir juntos.

No decurso da pesquisa, a essa proposição da rede, alinhamos os entendimentos do exercício do AT, em sua história, que, conforme a descrição de Annalice Palombini, “se dá entre lugares, entre o serviço e a rua, entre o quarto e a sala, fora de lugar, a céu aberto” e que “presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar aos seus profissionais, seja qual for o dispositivo em causa: o fato de que uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica mesma (2006, p.117). Neste ponto, o AT coincide com os processos básicos de atenção em TO ligados diretamente às atividades de vida diária e cotidiana.

Assim como a narrativa inicial aqui apresentada, o estudo das vivências nos acompanhamentos terapêuticos de Vinícius, diagnosticado como autista, constituíram uma oportunidade de desafiar conceitos e reverberar experiências comuns temporárias e territoriais, desencadeando a construção de uma potente vinculação entre terapeuta e paciente, expandindo o repertório afetivo de ambos, e os exercícios no desempenho de atividades e manejos clínicos. O que permitiu analisar as singularidades que constroem esse processo contribuindo com a abordagem dos modos de existência dos autistas, bem como com o campo da Terapia Ocupacional em sua relação com o dispositivo do Acompanhamento Terapêutico.

A adoção da estratégia do AT fica gradativamente reconhecida no campo da TO e na abordagem dos modos de existência dos autistas, como um dispositivo capaz de potencializar diferentes formas de atuação no espaço não-institucional, intensificando suas propostas de “expressão de formas de produção material, estética e simbólica” que resultem na construção de estratégias de validação desses modos de existência inseridos precariamente nas relações sociais (BUELAU, 2009, p.167); e de constituição de intervenções terapêuticas que incorram nas diferentes esferas da vida (CASTRO, 2005).

Para as experiências no campo profissional em saúde, o acionamento do dispositivo AT – com um enquadre mais aberto, a realização no território e um contrato dinâmico – atrelado ao campo da TO, possibilita a intervenção direta no cotidiano, intensificando a capacidade de corresponder às necessidades da população atendida, sobretudo nas redes públicas de saúde, de afirmação das derivas e estranhezas de seus modos de existir.

Referências Bibliográficas

- BUELAU, R.M.; Exercícios de sonhar junto: criatividade e experiências estéticas no acompanhamento de uma criança. *Rev. de Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 20, n.3, pp. 164-170, set/dez, 2009.
- CASTRO, E. D. de. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 16, n. 1, pp. 14-21, jan./abr., 2005
- CAVALCANTI, A. E.; ROCHA, P.S. *Autismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PELBART, P.P. *A Nau do Tempo Rei*. São Paulo: Imago, 1993.
- _____.O avesso do nilismo: cartografias do esgotamento. São Paulo: n-1 edições. 2013.
- PALOMBINI, A.L. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico político. *Rev. Psiquê*, ano X, n. 18, São Paulo, Set/2006, pp. 115-127.
- WINNICOTT, D.W. Autismo [1966]. In:_____ Winnicott: pensando sobre crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, pp.179-180.

**TERAPIA OCUPACIONAL Y ACOMPAÑAMIENTO TERAPÉUTICO:
APORTES PARA EL ENFOQUE DE LOS MODOS DE EXISTENCIA DE LOS
AUTISTAS**

Eje temático: La técnica del AT en sus diversos campos de actuación.

Palabras Claves: Terapia Ocupacional, Acompañamiento Terapéutico, Autismo, normal y patológico.

El horario programado para iniciar no era el horario de inicio. La familia de Vinícius se desorganizaba con frecuencia para la llegada a la USP, la acompañante terapéutica (at) llamaba media hora antes para recordarles del compromiso. Vinícius llegaba en coche acompañado por su padre y su madre. Solía venir acostado en el asiento trasero, con los ojos cerrados, sin zapatillas. Se negaba a bajar del coche, y después de algunas negociaciones y proposiciones de actividades él daba señales de que acompañaría la terapeuta, pero entre la aceptación de Vinícius y la llegada a la sala de atención, diferentes señales emergían, él dudaba entre admitir y rechazar el espacio y el tiempo de la propuesta. Esos múltiples señales, a veces contradictorios, demostraban uno de los trabajos desempeñados por su AT: conversar de diferentes maneras y repetidas veces sobre cuáles serían los pasos a ser dados durante la atención. La profesional AT hablaba sobre los lugares que paseaban, recordaba a él de las personas conocidas que trabajaban en el espacio, retomaba actividades placenteras ya realizadas haciendo el rescate de sus registros de las experiencias conjuntas que hicieron a lo largo de los encuentros. En la sala, la terapeuta dedicaba unos instantes para que Vinícius se ubicase, y poco a poco, insertaba cuestionamientos en cuanto a sus actividades cotidianas. Los diálogos iban siendo configurados y se tornaban más consistentes, pudiendo la profesional adentrar regiones que expresaban su visión de ocurrencias sobre su semana, sus sentimientos y posicionamientos frente a esas vivencias. Las actividades preparadas eran presentadas para Vinicius y desde sus escojas se enumeraba el orden en que ellas iban a ocurrir.

La merienda era una actividad siempre presente, preparado junto en algunos de los atendimientos, y en otros, comprada en cafeterías cercanas al edificio. La salida para comprar la merienda, a veces, se convertía en la actividad principal del AT. Caminar por las calles, elegir los lugares de compra, negociar en la definición de los productos, manejar

las interferencias y ofrecer el trayecto adecuado eran actividades que componían el trabajo de acompañamiento.

Hablar de comida era uno de los temas favoritos de Vinícius, y en algunas atenciones se hicieron experiencias de algunos de sus comidas preferidas. También le gustaba salir a caminar, generalmente por los espacios cercanos al edificio y a su casa. Durante estas caminatas era común resaltar algunas características físicas de las personas que pasaban. A partir de sus gestos y miradas la at calculaba las distancias que recorrían y suponía cuánto el recorrido de vuelta sería tolerado por él. Era común buscar bancos para sentarse y muchas veces acostarse, y durante esos períodos de pausa conversaban sobre el espacio en que estaban y sobre las posibilidades de acciones en él.

Frecuentemente, la at combinaba con los padres de Vinícius si ellos vendrían a buscarnlo o si ella lo llevaría hasta su casa, que es cercana a la USP. Cuando los padres venían a buscarnlo, ella encontraba un lugar y mediaba el período de espera, en su mayoría, largo. A veces, acompañaba a Vinicius hasta su casa, y antes de partir conversaba sobre el trayecto con él con el objetivo de prepararlo para recorrer todo el camino, establecían acuerdos y proseguían.

Fragmentos de un Acompañamiento Terapéutico realizado en el ámbito de la Terapia Ocupacional, esa narrativa se deriva de una experiencia de formación en el Laboratorio de Estudios e Investigación Arte, Cuerpo y Terapia Ocupacional de la Facultad de Medicina de la Universidad de São Paulo (FMUSP), a partir del Proyecto Aprender con Cultura y Extensión de la Pro-Rectoría de Cultura y Extensión Universitaria de la USP, que disparó el interés para la realización de una investigación en torno a los acontecimientos emergentes de la clínica que atraviesa el Acompañamiento Terapéutico, la Terapia Ocupacional y los modos de existencia de los autistas .

Las relaciones de la Terapia Ocupacional (TO) con el dispositivo del Acompañamiento Terapéutico (AT) provienen de enlaces conceptuales y prácticos con los movimientos críticos a los procesos de institucionalización y la instauración de nuevas estrategias, sobre todo en el campo de la salud mental; y con los desplazamientos históricos de la psicopatología y sus efectos en el ámbito de las conductas terapéuticas y sociales.

Consideramos que los movimientos y los enfoques dirigidos a las poblaciones en situación de vulnerabilidad social, en función de deficiencias, trastornos mentales y / o fragilidad socioeconómica, se confrontan con las fronteras que establecen distancias rígidas entre la sociedad y cualquier elemento extraño a su organización que es pautada por parámetros de normalidad. Con eso, la transitoriedad de los discursos en este campo dialoga con cuestiones culturales, políticas y sociales, resultando así en la construcción de relaciones de exclusión y cristalización de espacios, identidades y actuaciones. En esta dinámica, se proponen políticas de inclusión social que, en su mayoría, adhieren a las inadecuaciones a la norma y a los límites de lo que es considerado civilizado, luego, esas poblaciones se inscriben en dinámicas de homogeneización social (PELBART, 1993, p.104) , tema de embate constante en los enfoques de la Terapia Ocupacional.

En el curso "Los Anormales", Michel Foucault acompaña el desarrollo de lo que él considera que "no señala sólo una fase de inseguridad o un episodio un tanto infeliz en la historia de la psicopatología", sino la constitución de una noción que él reflexiona ser "formada en correlación con todo un conjunto de instituciones de control, toda una serie de mecanismos de vigilancia y de distribución", que en el momento en que se encuentra "casi enteramente cubierta por la categoría de la "degeneración", dará lugar a elaboraciones teóricas ridículas, pero con efectos duraderamente reales" (FOUCAULT, 2001, p.413).

De esta noción de anormalidad se desdoblan series diagnósticas en el campo de la clínica, que es el origen de la terminología "autismo. Considerando que se trata de un delineamiento histórico, algunos autores indican que este concepto es una invención y no "un descubrimiento científico, susceptible de comprobación, palpable, que existe independiente de los sistemas de creencias y de la cultura" (CAVALCANTI, ROCHA, 2001, p.96). Por ejemplo, Winnicott, en conferencia, afirma que "la invención del término autismo fue una bendición dudosa" cuyas ventajas son bastante obvias, pero las desventajas son menos obvias. Y prosigue diciendo que "después que este término fue inventado y aplicado, estaba montado el escenario para una cosa un tanto falsa, esto es, el descubrimiento de una enfermedad" (1997, p.179-180).

De manera más radical, Fernand Deligny, educador que convivió durante décadas con autistas en instituciones asilares, preconizaba el ejercicio de la red, como contrapunto a los sistemas adaptativos y a los entrenamientos para inscribirlos como sujetos en el lenguaje que supuestamente les faltaba. Deligny afirmaba que "respetar el ser autista no es respetar el ser que él sería como otro; es hacer lo que se necesita para que la red se trame "(DELIGNY apud PELBART, 2013, p.263), para que se ocurra la creación de un territorio común en el que el autista y el no autista puedan encontrar un modo de existir juntos.

En el curso de la investigación, a esa proposición de la red, alineamos los entendimientos del ejercicio del AT, en su historia, que, según la descripción de Annalice Palombini, "Ocurre entre lugares, entre el trabajo y la calle, entre el cuarto y la sala, fuera del espacio, a cielo abierto" y que "realiza una exigencia que la reforma psiquiátrica viene a poner a sus profesionales, sea cual sea el dispositivo en cuestión: el hecho de que una clínica que trabaja los procesos de desinstitucionalización pone en juego la desinstitucionalización de la propia clínica" (2006, p.117). En este punto, el AT coincide con los procesos básicos de atención en TO que son ligados directamente a las actividades de vida diaria y cotidiana.

Así como la narrativa inicial aquí presentada, el estudio de las vivencias en los acompañamientos terapéuticos de Vinícius, diagnosticado como autista, constituyó una oportunidad de desafiar conceptos y reverberar experiencias comunes temporales y territoriales, desencadenando la construcción de una potente vinculación entre terapeuta y paciente, expandiendo el repertorio afectivo de ambos, y los ejercicios en el desempeño de actividades y manejos clínicos. Lo que permitió analizar las singularidades que construyen ese proceso, contribuyendo con el enfoque a los modos de existencia de los autistas, así como al campo de la Terapia Ocupacional en su relación con el dispositivo del Acompañamiento Terapéutico.

La adopción de la estrategia del AT queda gradualmente reconocida en el campo de la TO y en el enfoque de los modos de existencia de los autistas, como un dispositivo capaz de potenciar diferentes formas de actuación en el espacio no institucional, intensificando sus propuestas de "expresión de formas de producción material, estética y simbólica" que resulten en la construcción de estrategias de validación de esos modos de existencia insertados precariamente en las relaciones sociales (BUELAU, 2009, p.167); y de constitución de intervenciones terapéuticas que incurren en las diferentes esferas de la vida (CASTRO, 2005).

Para las experiencias en el campo profesional en salud, el accionamiento del dispositivo AT - con una perspectiva más amplia, la realización en el territorio y un contrato dinámico - acoplado al campo de la TO, posibilita la intervención directa en el cotidiano, intensificando la capacidad de corresponder a las necesidades de la población atendida, sobre todo en las redes públicas de salud, de afirmación de las derivas y extrañezas de sus modos de existir.

Referências Bibliográficas

- BUELAU, R.M.; Exercícios de sonhar junto: criatividade e experiências estéticas no acompanhamento de uma criança. *Rev. de Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 20, n.3, pp. 164-170, set/dez, 2009.
- CASTRO, E. D. de. Inscrições da relação terapeuta-paciente no campo da terapia ocupacional. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v. 16, n. 1, pp. 14-21, jan./abr., 2005
- CAVALCANTI, A. E.; ROCHA, P.S. *Autismo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PELBART, P.P. *A Nau do Tempo Rei*. São Paulo: Imago, 1993.
- _____.*O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 edições. 2013.
- PALOMBINI, A.L. Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico político. *Rev. Psiquê*, ano X, n. 18, São Paulo, Set/2006, pp. 115-127.
- WINNICOTT, D.W. *Autismo [1966]*. In:_____ *Winnicott: pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, pp.179-180.